

COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO NO ESPAÇO CULTURAL DE LÍNGUA PORTUGUESA: primeiros resultados de uma experiência de investigação-ação em Moçambique¹²

Maria de Lurdes de Sousa Macedo³
Moisés Adão de Lemos Martins⁴

Resumo: Neste projeto de investigação-ação tomou-se por objeto a comunidade cultural de língua portuguesa – composta por cidadãos de diversos grupos étnicos, com distintos modos de vida e que habitam diferentes regiões do globo – para ensaiar as oportunidades oferecidas pela utilização da Comunicação para o Desenvolvimento (C4D) nos media digitais, com vista ao aprofundamento da comunicação intercultural e à promoção da cooperação.

Através da abordagem C4D, foram produzidos em Moçambique os primeiros conteúdos para o Museu Virtual da Lusofonia, uma plataforma Web sediada no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, que visa promover a diversidade, o diálogo intercultural, o reforço do sentido de comunidade, bem como a cooperação para o desenvolvimento.

Com esta experiência pretendeu-se compreender até que ponto a comunidade cultural de língua portuguesa, exemplo do pode ser uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1994 [1983]) poderá revigorar-se e desenvolver-se através das suas “comunidades imaginativas” (BEESON, 2003), ou seja, aquelas que comunicam as suas próprias narrativas através de conteúdos para a Web.

Palavras-Chave: Comunicação para o Desenvolvimento. Cultura de Língua Portuguesa. Museu Virtual da Lusofonia.

Abstract: In this research-action project, the Portuguese-speaking cultural community - comprised of citizens from different ethnic groups, with different lifestyles and living in different regions of the globe - was the object to test the opportunities offered by the use of Communication for Development (C4D) in digital media, whenever we want to deep intercultural communication and to promote cooperation.

Through the C4D approach, the first contents for the Virtual Museum of Lusophony were produced in Mozambique. This Web platform aims to promote diversity, intercultural dialogue, reinforcement of community meaning, as well as development cooperation. It is based at University of Minho, Communication and Society Research Center.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.

² Trabalho realizado com o apoio da bolsa de pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (Portugal), com a referência SFRH / BPD /103706/2014.

³ Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (Portugal), investigadora integrada, mlmacedo71@gmail.com

⁴ Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (Portugal), Diretor e Professor Catedrático, moiseslmartins@gmail.com

With this experience, the objective was to understand to what extent the Portuguese-speaking cultural community, an example of what can be an "imagined community" (ANDERSON, 1994 [1983]), can be reinvigorated and developed through its "imaginative communities" (BEESON, 2003), those who communicate their own narratives through contents for the Web.

Keywords: *Communication for Development. Portuguese-speaking Culture. Virtual Museum of Lusophony.*

1. Enquadramento: Cultura da língua, pós-colonialismo, novos media e desenvolvimento

De acordo com certos autores (e.g. ANDERSON, 1994 [1983]; CASTELLS, 2003), a contemporaneidade caracteriza-se pela necessidade de pertença a grupos sociais significativos (nacional, étnico, religioso, linguístico, ...) capazes de produzir um sentido de identidade e de história partilhadas.

Porém, a consciência coletiva da comunidade cultural de língua portuguesa parece encontrar-se ainda longe do seu estado de consubstanciação, uma vez que só uma minoria, de entre os cidadãos que falam, pensam e sentem em português, concebe as suas pertenças a partir da língua comum (MACEDO, MARTINS & CABECINHAS, 2011). Conforme observava Baptista (2006, p. 24), "...o conceito de lusofonia assinala (...) um lugar de "não-reflexão", de "não-conhecimento" e, sobretudo, de "não-reconhecimento", quer de si próprio, quer do outro". Nesse sentido, falamos de comunidade de língua e cultura, potencialmente composta por mais de 253 milhões de pessoas espalhadas por todo o mundo, que deve ser interpretada como "comunidade imaginada", noção proposta por Anderson (1994 [1983]) para denominar um grupo cujas dinâmicas identitárias se cumprem mais no plano simbólico do que no plano real.

Com efeito, falar de cultura da língua, no caso da língua portuguesa, é contribuir para um debate tenso que, apesar de se desenrolar há algumas décadas, se encontra ainda longe de esgotar todas as suas possibilidades; aliás, de acordo com a investigação de Macedo (2017) já no início dos anos 1970, Jorge de Sena observava que a afirmação desta cultura da língua passava por desafios tão grandes como a desmitificação do passado histórico português e o combate ao(s) nacionalismo(s). Nos nossos dias, este debate produz, sem dúvida, importantes centralidades analíticas, ora privilegiando a própria língua, ora a interação no domínio

cultural, ora ainda dando relevo a uma matriz pós-colonial que permite olhar criticamente o conceito; porém, estas tendem a excluírem-se mutuamente. Para este “estado da arte” contribuem:

- a) – o peso das fronteiras científicas e das diferentes tradições disciplinares, facto que parcializa e fragmenta um objeto que ganharia em ser visto de forma integrada;
- b) – o facto de a disseminação da língua portuguesa em diferentes territórios do globo se ter ficado a dever a um longo processo de colonialismo europeu que, quer seja historiado pelo ex-colonizador, quer seja historiado pelo ex-colonizado, nunca poderá constituir uma História edificante, tal como enfatizou Said (1993).

Contudo, nenhum destes fatores constitui verdadeiramente um óbice ao aprofundamento do debate sobre o que se deverá entender por cultura da língua portuguesa ou de qualquer outro debate interdisciplinar e/ou pós-colonial. As diferentes tradições disciplinares, mais do que se confrontarem em infrutíferos combates pela supremacia, tendem hoje para um salutar debate em encontros científicos como este que aqui nos reúne. Por outro lado, as condições do presente legadas pelo colonialismo europeu merecem ser alvo de cuidadosa e descomplexada investigação se quisermos interpretar criticamente o mundo contemporâneo. O caso da formação de culturas da língua à escala global, naturalmente, é apenas uma dessas condições. Deste modo, convém reforçar que

A dialética da história e das memórias constitui-se sempre como uma operação delicada. Mas talvez o essencial seja reconhecer que entrámos numa era em que se torna impossível privarmo-nos tanto de uma como das outras, e em que vale mais pensarmos as suas relações que as opormos em combates dos quais, seja como for, o grande derrotado será o conhecimento (WIEVIORKA, 2002, p. 228).

Ainda hoje, um dos entendimentos dominantes sobre a comunidade cultural de língua portuguesa apresenta-a como uma espécie de prolongamento simbólico do período colonial ou como, no dizer de Martins (2011b, p.75), um “espaço de refúgio imaginário” e de “nostalgia imperial”, ideias que colocam Portugal no epicentro de uma construção que deve ser, acima de tudo, descentralizada e descentralizadora. Sob esta perspetiva, a redefinição identitária pós-colonial dos oito países de língua portuguesa parece não conseguir desligar-se do passado histórico, uma vez que a ideia de uma comunidade de língua “(...) refaz, supostamente pela positiva e ao nível simbólico-linguístico, as comunidades coloniais e a sua hierarquia simbólica” (ALMEIDA, 2004, p.10). É deste modo que o “equivoco lusocêntrico”

(MARTINS, 2011b, p.75) parece ameaçar a afirmação de uma cultura da língua coletivamente partilhada por uma comunidade que, antes de mais, se caracteriza pela diversidade.

A este equívoco não é alheio o facto de a história do império colonial português conhecer várias versões: a do ex-colonizador e as dos ex-colonizados. Como observava Pedreira (2000), no caso da história colonial que colocou Portugal em relação com o Brasil, a tentativa de encontrar uma perspetiva comum, entre os historiadores dos dois lados do Atlântico, acabou por se revelar mal sucedida. O mesmo acontece em relação à história que ligou Portugal a África durante o período colonial. Neste caso mais específico, a diferença entre as várias versões da história foi acentuada pela glorificação do império levada a cabo pelo governo português durante o período do Estado Novo (CUNHA, 2001; NEVES, 2009) e pelas lutas de libertação – nomeadamente em Angola, na Guiné-Bissau e em Moçambique – que, durante mais de uma década, antecederam a independência dos países africanos de língua oficial portuguesa.

Uma vez que o passado histórico desempenha um papel essencial na formação de identidades e na forma como cada povo enfrenta o seu futuro (MATTOSO, 1998; LIU & HILTON, 2005), afigura-se imperativo, tal como postula Canclini (2007), reinventar narrativas alternativas à épica e ao melodrama através dos quais esse passado é interpretado. De acordo com o autor, serão essas outras narrativas a darem-nos conta das recomposições do mundo que nos desafiam na atualidade. Sob esta perspectiva, a comunidade cultural de língua portuguesa poderá revigorar-se a partir dessas outras narrativas – que não as das versões oficiais da História ou as das agendas políticas – preferencialmente produzidas por comunidades que se vêem excluídas do acesso aos media e ao poder. É desta necessidade de se dar voz a quem não tem tido voz que surge o sentido de oportunidade da abordagem teórico-metodológica da Comunicação para o Desenvolvimento (C4D), cuja apresentação se remete para mais adiante.

Com isto não se pretende mitigar que o conceito de cultura da língua, neste caso a portuguesa, tem uma genealogia e uma história. Com efeito, trata-se de um conceito que remete para um conjunto de representações: umas que privilegiam idealizações, outras que o estigmatizam. Ao mesmo tempo, tem servido aproveitamentos políticos e ambições

económicas, do mesmo modo que alimenta proveitosas aproximações entre artistas e académicos. Espartilhado entre dois pólos opostos – uma nostalgia lusocêntrica, que teima em sonhar impérios, e uma crítica pós-colonial, que procura plataformas de entendimento no presente e para o futuro – o conceito de cultura da língua, no caso da língua portuguesa, parece prestar-se, por um lado, e como foi atrás analisado, a tensões, a equívocos e a simplificações, bem como, por outro lado, a formulações promotoras do diálogo intercultural e do desenvolvimento.

Por isso mesmo, a proposta a ter em conta é pensar a cultura de língua portuguesa na interseção de olhares, de interpretações e de saberes. Mais do que no reforço de uma tradição com epicentro em Portugal ou do que na afirmação de um centro difusor assente nas indústrias culturais do Brasil, esta proposta assenta na ideia de porosidade das fronteiras e no cruzamento de diferentes contribuições de todos os países de língua oficial portuguesa, procurando favorecer um entendimento mais proveitoso do que é, e do que pode vir a ser, esta cultura da língua. Trata-se, portanto, de uma proposta que ambiciona não um lugar de chegada, mas antes a virtude da construção participada de um caminho para o diálogo e para a cooperação.

Nessa construção será necessário ter em conta a legitimidade das preocupações manifestadas por alguns intelectuais africanos, que contrapõem ao conceito de cultura da língua portuguesa a espessa multiplicidade de línguas e de tradições autóctones mantidas à margem por esse mesmo conceito. Com efeito, a valorização e a integração dessas culturas autóctones no complexo “mosaico” da comunidade cultural de língua portuguesa constitui-se como condição imprescindível para enxotar do horizonte possíveis recomposições de narrativas que tendam para o neo-imperialismo ou para o neocolonialismo.

Porém, como defendia Spivak (1999) na sua “Crítica da Razão Pós-colonial”, há que despistar a estratégia da tolerância mascarada de cooptação – que traz à luz as culturas autóctones não-ocidentais através dos circuitos museológicos e dos currículos escolares – neste tipo de processos. Tal estratégia, na opinião da autora, não chega para colocar essas culturas em posição de paridade; serve, antes, de resposta da cultura dominante às tendências globais, ou seja, serve para manter a margem à margem. Segundo a autora, a cultura dominante promove a ideia de um antigo mundo colonial repleto de culturas distantes, com

heranças intactas que esperam ser recuperadas, interpretadas e curricularizadas em traduções para línguas de origem europeia, constituindo a emergência do “Sul” a prova do intercâmbio cultural transnacional.

Paralelamente, o atual paradigma sociotécnico, ao estabelecer um novo ecossistema comunicacional, fez emergir um poder gigantesco que escapa à autoridade das correntes dominantes. Tal acontece porque, como observa Cross (2011), gente talentosa e criativa, a quem nunca tinha sido dada voz, passa a ter lugar nas redes digitais, promovendo as suas ideias e os seus sonhos. A este propósito, Lovink (2008) evidencia o *empowerment* da Web 2.0, enfatizando a pertinência de as transformações associadas a este fenómeno serem não só identificadas, como também interpretadas.

Neste mesmo sentido, era Beeson (2003) quem postulava que, através da utilização dos dispositivos de comunicação digital, as comunidades podem exprimir e até revigorar o seu potencial, produzindo narrativas diversas sobre a sua própria história. Este autor defende que o uso da Web não deve ser pensado para transferir estas comunidades para as redes, mas antes para as preservar e fortalecer através do poder da sua imaginação, transformando-as em “comunidades imaginativas” (p. 125).

A investigação conduzida na blogosfera por Macedo (2013) apontou para a possibilidade de ocorrência deste fenómeno no seio da comunidade cultural de língua portuguesa. Com efeito, apesar de os níveis de infoexclusão na maioria dos países que a constitui serem ainda bastante significativas, de acordo com a Internet World Stats⁵, em Março de 2017, a taxa de penetração da internet entre a população lusofalante (55,1%) era superior à do conjunto da população mundial (49,7%). Deste modo, é possível perspectivar com uma certa dose de optimismo o acesso de mais de metade dos cidadãos que falam, pensam e sentem em português às redes de comunicação digital, sendo estes potenciais produtores de narrativas alternativas nos dispositivos da Web 2.0, bem como potenciais visitantes do Museu Virtual da Lusofonia.

Isto porque, de acordo com Bachan & Raftree (2011), as ferramentas da Web, quando adequadamente planeadas, monitorizadas e avaliadas, permitem que a divulgação de

⁵ <https://www.internetworldstats.com/stats20.htm>

conteúdos concebidos através da Comunicação para o Desenvolvimento (C4D) constitua a amplificação da voz de comunidades tradicionalmente silenciadas e excluídas dos circuitos de comunicação e poder. Partindo deste pressuposto, o Museu Virtual da Lusofonia investiu num processo de investigação-ação com vista a avaliar a eficácia da utilização de conteúdos concebidos através da abordagem C4D, para difusão na sua plataforma digital, na promoção do diálogo intercultural e do desenvolvimento. Aliás, na apresentação constante no site do museu pode ler-se que “a participação dos cidadãos começará na fase de construção das coleções do museu” esperando-se que “a recolha de ‘obras’ a registar no museu (...) seja feita junto das populações dos países lusófonos com a sua participação ativa”, que “o registo de histórias e estilos de vida seja feito na maior aproximação possível a todos os grupos sociais dos países lusófonos” e, por fim, que “todo o trabalho de levantamento e análise envolva ativamente profissionais da educação, políticos, agentes culturais e artísticos, jornalistas e outros profissionais dos média, historiadores, sociólogos e investigadores de comunicação”⁶.

2. O processo de investigação-ação: experiência em Moçambique

Os trabalhos de terreno deste processo de investigação-ação foram planeados de modo a abrangerem três países de língua portuguesa: Brasil, Moçambique e Portugal. Começou-se por Moçambique devido a questões relacionadas com a disponibilidade de agenda do interlocutor-chave neste país. Os trabalhos conduzidos em Moçambique, entre 2016 e 2017, começaram com uma fase exploratória: uma primeira aproximação ao contexto específico daquele país, o estabelecimento de contactos com agentes locais e a identificação de oportunidades de investigação-ação e de produção de conteúdos através da abordagem teórico-metodológica da Comunicação para o Desenvolvimento. Note-se que as débeis condições de logística, características da África subsariana, constituíram um obstáculo à rápida evolução dos trabalhos. Ainda assim, estas foram sendo ultrapassadas, quer com o apoio incondicional e com o empenho das instituições académicas envolvidas nesta fase da investigação-ação (Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e Universidade Eduardo Mondlane), quer com a reunião de vários recursos disponibilizados pelos parceiros moçambicanos entretanto envolvidos no projeto de produção de conteúdos.

⁶ <http://www.museuvirtualdalusofonia.com/o-museu/apresentacao/>

Deste modo, foi possível proceder à pesquisa conducente à pré-produção e à rodagem de dois documentários para plataforma Web que visam reduzir o desconhecimento que os restantes países lusófonos possuem sobre a realidade cultural moçambicana: o primeiro, sobre a necessidade de preservar a memória da vida e da obra de Malangatana, criador que obteve reconhecimento internacional e que se notabilizou em vários domínios, sobretudo nas artes plásticas; o segundo, sobre os ativos artísticos e culturais sedeados no Bairro do Aeroporto, na periferia de Maputo.

De salientar que ambos os documentários foram rodados com equipamento não-profissional (uma câmara de vídeo doméstica e um smartphone Android), num trabalho de equipa entre a investigadora que conduziu os trabalhos no terreno e interlocutores-chave das comunidades envolvidas, ou seja, entre europeus e africanos, entre académicos e agentes culturais que atuam em diferentes escalas, numa lógica de diálogo intercultural para a cooperação e para o desenvolvimento.

2.1. “No trilho de Malangatana”

O documentário “No trilho de Malangatana” foi idealizado enquanto conteúdo C4D na medida em que, de acordo com alguns agentes culturais em Moçambique, a vida e a obra deste artista têm caído no esquecimento de forma muito acelerada. Entre os factos apontados para fundamentar este posicionamento crítico, os interlocutores enfatizaram o número de obras do artista em espaço público votadas à degradação, algumas em risco de jamais poderem ser recuperadas, e a falta de iniciativas em torno do seu legado. A título de exemplo, refira-se que até à data do término da pesquisa para rodagem do documentário (Junho de 2017), não havia sido realizada qualquer exposição de Malangatana (1936 – 2011) em Moçambique, após a sua morte.

As instituições culturais do país, devido às dificuldades com as quais se confrontam, pouco têm podido fazer para impedir este fenómeno. Por outro lado, a família e os amigos de Malangatana, apesar dos seus muitos esforços para manter viva a memória do mais reconhecido criador moçambicano, encontram também muitos obstáculos para concretizar o trabalho que gostariam de desenvolver nesta matéria.

Deste modo, foi realizado um documentário, sob a abordagem metodológica C4D, acerca da necessidade de preservar o legado deste artista de indubitável mérito. Para tal, este projeto de investigação-ação associou-se ao grupo informal já constituído com o fim de preservar a memória de Malangatana, do qual fazem parte dois dos filhos do artista, quatro dos seus amigos ainda vivos e a sua antiga assistente. Foi este grupo, então alargado com a participação da investigadora em comunicação que conduziu os trabalhos de terreno em Moçambique e do investigador em arte contratado para o projeto, que, através de um laborioso trabalho em equipa, concebeu o guião do documentário e se entregou à sua pré-produção e à sua rodagem.

O eixo à volta do qual gravita todo o guião é o extraordinário conjunto escultórico “A Sagrada Casa dos Madjaha”, obra de Malangatana votada à degradação e ao esquecimento num subúrbio de Maputo. A partir deste exemplo particular, faz-se uma revisitação à vida e à obra do criador moçambicano de modo a fundamentar a necessidade de preservar não só o conjunto escultórico, como a sua memória e o seu legado.

A “Sagrada dos Mabjahas” foi erigida no espaço exterior da antiga fábrica da Mabor, actualmente desactivada. Na opinião de Luís Bernardo Honwana, ex-ministro da Cultura de Moçambique, trata-se de uma obra que representava a vontade de Malangatana de abrir novos espaços de diálogo artístico. O conjunto escultórico, erguido ao longo de muitos meses, em alvenaria e metal, atingindo 15 metros de altura, foi inaugurado em 1989. Alguns anos mais tarde voltou a ser objeto de uma intervenção que lhe acrescentou alguns metros. Na base da escultura há painéis que contam a história dos Mabjahas, a família real que governava o território entre Matalana (aldeia onde nasceu Malangatana) e o Zimpeto (periferia de Maputo onde se encontra a obra). Nos dias de hoje, a Mabor já não existe e todo o seu recinto ficou devoluto e ao abandono. O conjunto escultórico tornou-se de difícil acesso, rodeado que está de mato, conforme documentado no filme. Com o tempo foi sendo esquecido, correndo o risco de ser vandalizado. Restaurar e reabilitar a obra bem como, eventualmente, transferi-la para um local mais central e torná-la parte de um circuito de visita das artes onde já constam muitas das obras do artista parece ser a solução, embora não estejam reunidos os meios para tal empreitada. No fundo, o sonho de valorizar a “Sagrada Casa dos Mabjahas” funciona não só como narrativa-mestra de todo o

documentário, como também como recurso simbólico de apelo à valorização da vida e da obra de Malangatana.

O documentário, com a duração de 20 minutos, foi rodado em Moçambique em Junho de 2017, pré-editado na Universidade do Minho no mês de Agosto seguinte e testado junto à equipa moçambicana em Outubro do mesmo ano. Após a introdução de melhorias sugeridas pela equipa, foi finalmente editado e pós-produzido no primeiro trimestre de 2018. A sua ante-estreia constituiu motivo para a organização de um evento científico-cultural realizado no Museu Nogueira da Silva, pertencente à Universidade do Minho, em Braga. Esse evento contou com a participação de especialistas na obra de Malangatana e de alguns dos elementos da equipa moçambicana, que tomaram a responsabilidade de dinamizar uma mesa-redonda sobre o legado do artista. De salientar que esta experiência de produção de um conteúdo C4D despoletou a preparação de um processo de angariação de financiamento para o restauro do conjunto escultórico por parte do grupo informal supramencionado. As primeiras negociações com eventuais financiadores foram agendadas para as semanas imediatamente seguintes à ante-estreia de “No trilho de Malangatana”, constituindo este documentário um elemento de informação para a fundamentação do pedido de financiamento junto a doadores internacionais.

A monitorização e a avaliação do contributo deste conteúdo C4D para a divulgação da vida e da obra de Malangatana junto à comunidade de língua portuguesa, bem como para a persuasão de potenciais financiadores, serão tarefas a desenvolver a partir de agora. De salientar que esta fase de monitorização e avaliação são parte integrante da metodologia C4D, permitindo concluir o processo de investigação-ação com a correspondente apresentação de conclusões. Ainda assim, a auto-organização do grupo informal para a preparação do pedido de financiamento junto a doadores internacionais pode ser já apresentada como um bom resultado desta experiência de investigação-ação.

2.2. “Há arte no Bairro”

Este documentário sobre os ativos artísticos do Bairro do Aeroporto, em Maputo, surgiu a partir da pesquisa exploratória conduzida em 2016, na qual se concluiu que os

mesmos, apesar da sua importância, permanecem quase invisíveis pelo seu não-reconhecimento público, inclusive por parte dos elementos da comunidade. Com efeito, a produção artística e cultural protagonizada por criadores residentes no bairro não tem sido capitalizada como um ativo estratégico para o desenvolvimento local e da comunidade, nem como um elemento capaz de garantir coesão e identidade. Para este estado de coisas concorrem razões tão variadas como a pobreza generalizada (que também atinge os artistas), a iliteracia da maior parte dos moradores, a dispersão da produção artística local, a sua exportação imediata para fora do bairro seguindo uma espécie de “política de esvaziamento”, bem como o desaproveitamento de importantes recursos ligados às artes, como, por exemplo, os espólios de vários artistas já falecidos que se encontram armazenados e mal conservados nas suas antigas residências, como de qualquer outra mercadoria se tratasse.

A partir desta pesquisa, foi possível identificar e mobilizar alguns atores-chave, todos moradores do Bairro do Aeroporto, para o projeto de realização do documentário: o padre católico, alguns artistas com maior visão de conjunto e o secretário-geral da Associação de Escritores Moçambicanos. Este grupo de pessoas, em associação com este projeto de investigação-ação, constituiu a equipa que pré-produziu e rodou “Há Arte no Bairro”.

A edição, a pós-produção e a estreia deste documentário estão previstos para o segundo semestre de 2018, fazendo parte do plano de atividades para o 2º triénio deste processo de investigação-ação. Ainda assim, já é possível aceder a alguns conteúdos deste documentário – neste caso a duas entrevistas a jovens artistas do Bairro do Aeroporto – na filмотeca do Museu Virtual da Lusofonia⁷.

Mesmo antes da sua estreia, o documentário despoletou uma interessante dinâmica de cooperação para o desenvolvimento. A pré-edição do documentário, realizada em Julho de 2017 na Universidade do Minho, foi divulgada em circuito privado pela investigadora junto a alguns responsáveis por projectos de desenvolvimento local em Portugal. A temática e o conteúdo do documentário logo despertaram a atenção destes responsáveis que, em Dezembro de 2017, decidiram investir num projeto de cooperação para replicar no Bairro do Aeroporto, com as devidas adaptações, um modelo de desenvolvimento local, baseado na valorização de recursos endógenos, ensaiado com sucesso em Portugal. Por outro lado, os

⁷<http://www.museuvirtualdalusofonia.com/arquivos/filмотeca/>

interlocutores-chave do Bairro do Aeroporto manifestaram-se disponíveis para cooperar e entusiasmados com as oportunidades que a replicação deste modelo de desenvolvimento local pode trazer ao lugar onde habitam. O projeto de cooperação já foi candidatado a financiamento e aprovado, estando o seu início previsto para Agosto de 2018, altura em que se pensa que o documentário estará pronto a estrear.

Ainda que não seja possível apresentar os resultados finais desta experiência de investigação-ação baseada na abordagem C4D, é possível adiantar que o projeto de cooperação para replicação do modelo de desenvolvimento local constitui um bom resultado preliminar, quer ao nível da cooperação para o desenvolvimento, quer ao nível do diálogo intercultural indispensável a um maior conhecimento mútuo e à valorização da cultura de língua portuguesa.

3. Conclusões

Ainda que tenhamos apenas os primeiros resultados dos trabalhos realizados em Moçambique, concluímos que os mesmos são prometedores, já que os documentários produzidos sob a abordagem teórico-metodológica da Comunicação para o Desenvolvimento para o Museu Virtual da Lusofonia despoletaram dinâmicas de cooperação no espaço de língua portuguesa mesmo antes da sua estreia.

Se no primeiro triénio deste projeto foi concedida especial atenção aos conteúdos C4D produzidos em Moçambique, no segundo pretende-se estender os trabalhos de Comunicação para o Desenvolvimento ao Brasil e a Portugal. Neste pressuposto, somos já capazes de defender a relevância do prosseguimento deste projeto de investigação-ação, uma vez que:

- a) – a experiência adquirida em Moçambique permitirá uma produção mais eficiente de novos conteúdos C4D no Brasil e em Portugal;
- b) – a diversificação de contextos de produção de conteúdos permitirá adotar uma abordagem comparativa ou diferencial nos estudos de Comunicação para o Desenvolvimento conduzidos neste projeto de investigação-ação;

c) – o potencial de produção e disseminação de conhecimento em matéria de Comunicação para o Desenvolvimento no âmbito desta investigação-ação ficará amplamente aumentado;

d) – O Museu Virtual da Lusofonia poderá expor um conjunto mais diversificado de conteúdos C4D de produção própria e, assim, funcionar mais eficazmente como plataforma de comunicação intercultural entre povos lusófonos, cumprindo os seus objectivos de promoção do diálogo intercultural e do desenvolvimento.

Por fim, há a enfatizar que conteúdos capazes de exprimir as singularidades culturais de algumas comunidades pertencentes ao espaço cultural de língua portuguesa, se produzidos pelas mesmas, constituem já uma experiência inédita no quadro do esforço conjunto de promoção da comunicação intercultural, do conhecimento mútuo, do reforço do sentido de comunidade e do desenvolvimento. E isso é, só por si, uma grande motivação para prosseguir este projeto de investigação-ação.

Referências

- ALMEIDA, M. V. (2004). **Crioulização e Fantasmagoria**. Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2004.
- ANDERSON, B. **Imagined communities: Reflections on the origins and spread of nationalism**. London: Verso, 1994.
- BACHAN, K. & RAFTREE, L. **Integrating Information and Communication Technologies into Communication for Development Strategies to Support and Empower Marginalized Adolescent Girls**. Report prepared for the XIIth UN Round Table on Communication for Development, 2011.
- BAPTISTA, M. M. A lusofonia não é um jardim ou da necessidade de “perder o medo às realidades e aos mosquitos”. In MARTINS, M. L., SOUSA, H. & CABECINHAS, R. (Eds.), **Comunicação e Lusofonia - Para uma abordagem crítica da cultura e dos media**. Porto: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e Campo das Letras, 2006, pp. 23-44.
- BEESON, I. Imaginative Communities: turning information technology to expressive use in community groups. In HOMBY, S. & CLARKE, Z. (Eds.), **Challenge and change in information society**. London: Facet Publishing, 2003, pp. 104 – 126.
- BHABHA, H. K.. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CANCLINI, N. G.. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2007.
- CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura (Volume II) – O Poder da Identidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CROSS, M. **Bloggerati, twiterati: How blogs and Twitter are transforming popular culture**. Santa Barbara: Praeger, 2011.

CUNHA, L. **A Nação nas malhas da sua identidade – O Estado Novo e a construção da identidade nacional**. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

LIU, J. H. & HILTON, D. How the past weighs on the present: Towards a social psychology of histories. In **British Journal of Social Psychology**, 44, 2005, pp. 537 – 556.

LOVINK, G. **Zero Comments. Blogging and critical internet culture**. New York and London: Routledge, 2008.

MACEDO, L. Desmitificar o passado e ultrapassar o nacionalismo para o desenvolvimento de uma cultura de língua portuguesa: o contributo de Jorge de Sena. **Atas do XII Colóquio Internacional Tradição e Modernidade no Mundo Ibero-Americano**, 18 a 21 de Julho de 2017. Porto: Universidade Católica do Porto, 2017.

MACEDO, L. Da necessidade de desconstruir o “equívoco lusocêntrico”. In Martins, M. L. (Coord), **Lusofonia, Promessa e Travessia**. Braga: CECS, 2015, pp. 153 – 176.

Macedo, L. **Da diversidade do mundo ao mundo diverso da lusofonia: a reinvenção de uma comunidade cultural na sociedade em rede**. Dissertação de doutoramento apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2013.

MACEDO, L., MARTINS, M. L. & CABECINHAS, R. Blogando a lusofonia: experiências em três países de língua oficial portuguesa. In MARTINS, M. L., CABECINHAS, R. & MACEDO, L. (Eds) **Lusofonia e Cultura-Mundo, IX Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**. Braga: CECS e Grácio Editor, 2011, pp. 121-142.

MARTINS, M. L. **Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para os Ecrãs**. Coimbra: Grácio Editor, 2011a.

MARTINS, M. L. Globalization and Lusophone World. Implications for Citizenship. In Pinto, M. & Sousa, H. (Eds.) **Communication and Citizenship. Rethinking crisis and change**. Coimbra: Grácio Editor/CECS, 2011b, pp. 75-84.

MATTOSO, J. **A Identidade Nacional**. Lisboa: Gradiva, 1998.

NEVES, J. The Role of Portugal on the Stage of the Imperialism: Communism, Nationalism, and Colonialism (1930-1960). **Nationalities Papers**, 37, 2009, pp. 485-499.

PEDREIRA, J. M. From Growth to Collapse: Portugal, Brazil, and the Breakdown of the Old Colonial System (1760-1830). **Hispanic American Historical Review**, 80, 2000, pp. 839 – 865.

SODRÉ, M. **Reinventando a Cultura. A comunicação e os seus produtos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

SPIVAK, G. C. **A Critique of Postcolonial Reason. Toward a History of the Vanishing Present**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

WARNIER, J.-P. **La mondialisation de la culture**. Paris: Éditions La Découverte, 2003.

WIEVIORKA, M. **A Diferença**. Lisboa: Fenda Edições, 2002.